

**ENTREVISTA REALIZADA (DE SETEMBRO A DEZEMBRO DE 2013) COM O  
PROF. DR. JOSÉ CARLOS REIS**

José Carlos Reis é historiador e filósofo, professor na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Atua na área de História, com ênfase em Teoria da História e História da Historiografia. Autor de 11 livros, José Carlos Reis é uma das principais referências da Teoria da História no Brasil e América Latina. Suas publicações mais recentes são: *O desafio historiográfico* (Editora da FGV, 1ª Ed. 2010); *A história, entre a Filosofia e a Ciência* (Editora Autêntica, 4ª Ed. 2011); *Teoria & História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental e pensamento brasileiro* (Editora da FGV, 1ª Ed., 2012); *História da “consciência histórica” Ocidental Contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur* (Editora Autêntica, 3ª Ed. 2013).

Entrevistadores: Dr. Dimas José Batista, Dr. Dagmar Manieri e Dr. Marcos Edilson de Araujo Clemente são professores do Colegiado de História (Araguaína) da Universidade Federal do Tocantins (UFT)

**Pergunta (P)**

**Dagmar Manieri:**

Gostaria de indagar ao Sr. sobre um problema atual e que, ao que tudo indica, pode ter conexão com o campo da teoria da história. Os novos movimentos de contestação que surgiram nesses últimos anos, tanto na Europa quanto na América (inclusive no Brasil, este ano), mostram um descontentamento com a classe política. E mais, esses movimentos não desejam mais a “revolução”, como no antigo modelo onde temos um “partido” na liderança. Hoje, o conteúdo (ideológico) dos movimentos sociais parece ter-se alterado. À luz da teoria da história, como compreender essas renovadas tendências de participação popular?

**Resposta (R)**

**José Carlos Reis:**

Essas “jornadas de junho”, no Brasil, despertaram em mim cinco sentimentos, juntos, misturados e contraditórios: 1º) *otimismo*, a sociedade está reagindo e ousando indignar-se contra a ordem mundial neoliberal, que parecia hegemônica, incontornável e incontestável, dando mesmo a impressão fukuyamiana de “fim da

história”. Felizmente, não é bem assim; 2º) *surpresa e incredulidade*: mas, por que, agora, todos resolveram sair às ruas? Por que não antes? Será que foi o desejo juvenil de “tornar-se visível” no telão mundial da Copa das Confederações? Alguns tentaram se destacar com faixas em inglês, com uma expressão cosmopolita de “consciência crítica” de uma sociedade atrasada. Eu me perguntei se seria um movimento sério, consequente, denso?; 3º) *decepção*: as palavras de contestação e reivindicações foram importantes, mas na hora das proposições a longo prazo, estruturais, na hora de apresentarem um projeto alternativo à ordem vigente, não surgiu nada de relevante; 4º) *perplexidade*: eu não entendi o propósito maior desses movimentos. Pareceram-me aquelas cenas do cinema americano em que zumbis vão caminhando sempre em frente, sem nada a sugerir ou propor, apenas de mãos estendidas, pedindo alguma coisinha: uma passagenzinha de ônibus ou meia (que é importante, mas muito pouco); 5º) *receio e apreensão*: quem conclamou essas pessoas a saírem às ruas? Qual foi força que mobilizou tantas pessoas? Dizem: a “internet”, as “redes sociais”, que são apenas ferramentas digitais. O que interessa saber é quem está dando as ordens, quem está no comando. Tive a impressão de instrumentalização da multidão por “forças ocultas” (externas, o crime organizado, quem sabe?), que, agora, já conhecem a sua força e poderão vir a ser muito perigosas.

Alguém disse que a “revolta” veio substituir o desejo de “revolução”, mas a revolta é absorvida e transformada em algo positivo para a ordem, as revoltas consertam a ordem, e o “fim da história” continua em vigor. Enfim, a ordem “ondulou”, mas a onda quebrou na praia e a paisagem se recompôs ainda mais embelezada e fortalecida por esse movimento virtualmente agitado por computadores e consumido virtualmente nas telas do mundo inteiro. O mundo real continuou virtual!

**(P)**

**Dagmar Manieri:**

Ainda sobre minha indagação anterior sobre os novos movimentos sociais, fiquei feliz com seu quarto “sentimento”: “Eu não entendi o propósito maior desses movimentos”. Creio que sua afirmação nos conduz a uma problemática de uma espécie diversa, comparada com as anteriores. Sempre nos ensinaram que o Pensamento prepara

os Movimentos sociais: Voltaire, Rousseau e as Revoluções do século XVIII; Marx e as Revoluções socialistas. Hoje, as coisas parecem que se inverteram: os Movimentos parecem preparar o Pensamento. O Pensamento não consegue mais acompanhar (ou interpretar) o que está ocorrendo nas ruas. Será que houve um deslocamento entre o Real e o Pensar, entre Ação e Reflexão? Em *As estratégias fatais* (1983), J. Baudrillard comenta que “os políticos perderam o sentido da política” e que “o objeto (de pesquisa!!) zomba das leis que lhe são atribuídas”.

Mas, de fato, minha pergunta refere-se ao percurso intelectual do Sr. Sabemos que uma de suas últimas obras estuda o tema da “consciência histórica” no Ocidente contemporâneo. Como o Sr. descreveria seu percurso intelectual?

**(R)**

**José Carlos Reis:**

Penso que o pensamento está sempre articulado à realidade e que a realidade nunca é bruta, separada do pensamento, continuo pensando “dialeticamente”. O pensamento sempre precisou de movimentos reais para se efetivar, nunca se antecipou a movimentos sociais, apenas os exprimiu, deu forma, encaminhou, catalisou, acelerou. Hoje, há um pensamento neoliberal realizado, tão hegemônico, tão único e absoluto, que parece a “verdade/realidade” deslizando automaticamente. Hoje, o “sentido da política” não pode ser contra a ordem, pois seria desqualificado como “ilegal” e há uma “ditadura jurídica” vigente, que não reconhece caminhos políticos alternativos. Os movimentos reais que poderiam gerar um pensamento resistente são movimentos frágeis, quase irreais. Talvez, nessa ausência de resistência concreta, o pensamento devesse se antecipar à realidade, para criá-la, forçá-la a vir à luz. E há pensamentos alternativos aqui e ali, mas como não se enraízam em forças sociais poderosas, tornam-se ineficazes, desconhecidos. A perspectiva utópica está fora desse tempo, que prefere atitudes “realistas”, “afirmativas”, “proativas”, “construtivas”, “colaboracionistas”. Deixo aqui uma indicação de leitura intempestiva, uma consideração contra essa ordem, que, talvez, possa direcionar ou oferecer argumentos aos “indignados”. Trata-se de *“Indignai-vos”*, um livro simples, uma obra para todos, escrita por HESSEL, Stephane, um alemão naturalizado francês, que lutou na Segunda Guerra Mundial, na Resistência francesa.

Quanto ao meu percurso acadêmico, não há muito a dizer, o meu Lattes está aberto à inspeção pública. Sou um historiador-filósofo ou filósofo-historiador, que se interessa pela história do pensamento histórico em geral e, particularmente, pelo francês, alemão e brasileiro. Quanto às publicações recentes, lancei, em 2010, um pequeno livro pela Coleção de Bolso, da Editora FGV, *O Desafio Historiográfico*, que me parece um bom instrumento de introdução à teoria da história e à história da historiografia; lancei, em 2011, um livro polêmico, mas que me enche de orgulho, esse que você mencionou, *História da “Consciência Histórica” Ocidental Contemporânea: Hegel, Nietzsche, Ricoeur*, que já teve uma reimpressão em 2013, que é resultado de um pós-doutorado na *Université Catholique de Louvain* (Bélgica), em 2007; lancei, em 2012, o 2º volume do *História & Teoria* (2003), que tem o título “*Teoria & História: tempo histórico, história do pensamento histórico ocidental contemporâneo e pensamento brasileiro*”, que também acho que ficou interessante. Em meu percurso acadêmico, valorizo muito a produção escrita, os meus livros, que obtiveram um relativo prestígio e têm tido, alguns deles, várias reimpressões. Valorizo muito os meus orientandos da pós-graduação e da iniciação científica, alguns/as fizeram excelentes dissertações e teses. Enfim, procuro fazer o meu trabalho da forma mais correta possível, procurando dignificar e fortalecer a pesquisa na Universidade pública brasileira, que espero que continue viva e forte *per saecula saeculorum*.

**(P)**

**Dimas José Batista:**

O mundo moderno ou pós-moderno tem exigido dos cientistas sociais e filósofos um exercício intenso e complexo de reflexão, compreender, explicar ou reconhecer tendências mais ou menos nítidas de emergência de problemas e temas sociais candentes tem sido cada vez mais uma tarefa delicada, particularmente, se considerarmos um certo embotamento do pensamento e da *intelligentsia* burguesa – predominante no meio editorial – assim caríssimo como repensar os dramas contemporâneos, fora do esquema de pensamento cartesiano ainda predominante, como analisar a ética, a estética e a moral na sociedade contemporânea, como analisar esses temas candentes na era digital? É evidente, tudo sob o foco da teoria da história.

(R)

**José Carlos Reis:**

Ética, estética e moral! Penso que a estética não só predomina como invalida a ética e a moral. O que movimenta o mundo do mercado e do trabalho é a publicidade, outdoors, imagens de tv, internet, cinema. Enfim, a imagem é onipresente, é a linguagem dominante. São belas? São tecnologicamente impressionantes, impactantes, tridimensionais, dando a impressão de serem o próprio real, corrigido, retocado, aperfeiçoado. Homens e mulheres, para sobreviverem no mercado, precisam ser belos, *cleans*. O ideal é que “lembrem”, sejam cópias, de uma imagem já aprovada pela mídia, geralmente, atores/atrizes, enfim... “modelos”.

Até a historiografia sofre o ataque da estética. O grande interlocutor dos historiadores, hoje, é Hayden White, para quem o texto histórico é um “artefato verbal”, uma “urdidura de enredo”, uma “construção lingüística”, sem referência externa. O real é construído pela linguagem, esteticamente, estilisticamente. Os grandes historiadores o foram por terem sido “grandes escritores”. A fonte ideal é a iconográfica e o texto ideal para uma discussão acadêmica é o filme. Essa discussão não estará dominada pela estética?

Quanto à ética e à moral, no mercado, tornaram-se contos de fadas, lendas. A competitividade não pode ser prejudicada, desacelerada, por essas heranças culturais. É preciso “rever os conceitos”, “criar novos valores”, ou seja, a ética e a moral estão em fase de reexame e reavaliação. Será que são ainda úteis, necessárias, à vida social? Pode-se espionar outro país, a vida alheia? Ora, por que não? As câmeras estão em todo lugar para isso, a tecnologia disponível para isso é sofisticadíssima. A competitividade econômica é uma guerra de dados, de informações, sobre os concorrentes. A Presidente Dilma fez bem em fazer aquele discurso na ONU, mas o mais seguro mesmo é cercar-se de tecnologia contra a espionagem, porque ela vai continuar e com mais habilidade, sem deixar rastros. Falam em uma “impressora 3d”, já ouviram? O que será isso e quais serão as consequências éticas?

Contudo, faço uma provocação: pode-se ver esse momento ético também de forma favorável? Talvez, seja um momento de libertação de amarras axiológico-conceituais, de “reamarração social”, em que ocorre uma troca dos nós dos “laços sociais”. Que o leitor decida, que faça a sua boa “escolha”, palavra-chave da ética atual.

(P)

**Dimas José Batista:**

Trilhando ainda o caminho percorrido na questão anterior, com o objetivo de radicalizá-lo, quero que o senhor discuta a “influência” dos *mass mídia*, na sociedade contemporânea. Umberto Eco referiu-se, em fecundo livro, a duas tendências predominantes nos dias de hoje, ao analisar o poder dos meios de comunicação: a dos integrados e a dos apocalípticos. Não estaríamos superdimensionando o poder desses instrumentos tecnológicos? Não estaríamos nos desviando, melhor, obliterando o foco central do problema que é a luta de classes? Não seriam os controladores dos *mass mídia*, esses sim, que mereceriam a atenção dos cientistas sociais e filósofos contemporâneos? Ou de outra banda, os meios de comunicação seriam capazes de levar a sociedade e o indivíduo à libertação, à consciência em si e para si desse processo de controle e dominação? A *intelligentsia* brasileira estaria entre os “integrados” ou os “apocalípticos”? Como inverter ou subverter o poder da mídia? Como restituir ou recolocar em pauta um debate sobre valores ético-morais e estético-sociais que possam ser compartilhados e legitimados pela sociedade moderna ou pós-moderna? Gostaria de, aceitando a provocação, saber suas opiniões sobre esses dramas teóricos.

(R)

**José Carlos Reis:**

Os meios de comunicação de massa têm um imenso poder, aquele “poder simbólico”, de que fala Bourdieu, que só é eficaz porque não é reconhecido como relação de força, como relação de dominação. As pessoas buscam o Jornal Nacional ou a Globo News ou algum portal da internet para “se informar”. A relação de sentido da “informação” torna invisível ou eufemiza a relação de força “controle da opinião pública”. Aquele que sofre o poder simbólico não consegue separar sentido e dominação, deixa-se atingir por dentro, em sua íntima consciência, por esse poder mítico, que exerce a sua força- fascínio com o uso de belas imagens, belas palavras, bem articuladas e com entonação envolvente, com a sequência das “mensagens” editada e bem dirigida. Não são informações, mas “mensagens”, “ordens”, que são impostas aos milhões de telespectadores e usuários de internet.

O impacto desse dilúvio de imagens e mensagens é imenso! O público encontra-se desarmado, despreparado, para a recepção crítica desse arsenal midiático. A mídia é uma arma de guerra política, comercial, e de controle social, utilizada por quem pode pagar por essa tecnologia tão sofisticada. É claro que tudo isso é sustentado e pago

por quem tem interesse em se impor no mercado e em ocupar posições políticas de comando. Eles precisam ter audiência, para venderem produtos e “conquistarem espaço político”, quem não investir milhões não será eleito. A última estratégia criada para manipular o público foi a “interação virtual”, em que o “cliente” tem a impressão de que participa e é ouvido! Ele é levado a se sentir um sócio menor, um co-participante do negócio, integrado às ações, mas, as suas mensagenzinhas servem apenas para potencializar/docilizar a audiência, não têm a menor importância crítica.

Sinceramente, não vejo, hoje, nenhum poder alternativo que possa utilizar esse equipamento em outra direção. A inteligência brasileira ou aderiu ou sabiamente calou-se. Pessoalmente, represento-me como um “apocalíptico”, que se integra apenas na medida necessária à sobrevivência. Você ainda fala em “luta de classes”? Esse discurso, historicamente, foi um fracasso total! Mas, não estamos no “fim da história”, a história continua aberta, novos fatos surpreenderão, confiemos no por-vir...

**(P)**

**Marcos Edilson de Araujo Clemente:**

Em uma entrevista concedida à historiadora Márcia Mansor D’Alessio, Pierre Vilar lembrou dois episódios relacionados à cidade basca de Guernica, bombardeada pelos nazistas em 1937.

Sobre o primeiro episódio, conta Vilar que durante a ocupação alemã, em Paris, Pablo Picasso foi interrogado por um oficial alemão, que lhe perguntou: “Foi você que fez Guernica?” Picasso teria respondido: “Não, foram vocês!”

Quando do cinquentenário dos trágicos acontecimentos registrados em Guernica, Pierre Vilar foi convidado a falar sobre este evento histórico e sobre a memória deste evento. Vilar iniciou sua explanação com a seguinte pergunta: “Para vocês o que é Guernica?” E obteve a seguinte resposta: “Guernica é um quadro!”

Os episódios acima ensejam uma discussão acerca dos pares realidade e representação, historiografia e história. Como o Sr. compreende, hoje, estas relações?

**(R)**

**José Carlos Reis:**

A resposta já foi esboçada em minha reflexão sobre o (primeiro) questionamento do Prof. Dimas. A historiografia tem representado o passado de forma realista ou esteticamente? A historiografia se confunde/se aproxima da realidade passada ou se limita a ser um “quadro”, uma “forma/construção colorida” do passado? Esse problema epistemológico é insolúvel! Ele constitui o próprio desafio historiográfico. Na verdade, Guernica é uma cidade espanhola bombardeada e é também um quadro de Picasso. A cidade foi bombardeada pelos alemães e Picasso quis dizer que seu quadro retratava fielmente a realidade da guerra, feita pelo oficial alemão. Ele só registrou. Mas, a representação desse fato histórico no quadro foi esteticamente construída pelo pintor, de forma abstrata, não figurativa, de tal forma que o fruidor, se não for ingênuo, poderá perguntar: “como interpretar esse quadro? A que realidade se refere?”. Talvez ele se contente com o título em uma ficha ao lado da tela: “Guernica”. Guernica é um drama real representado em um quadro, mas a representação tornou-se autônoma em relação ao drama real. A memória, que é do passado, tornou-se imaginação/ficção, que não tem um tempo determinado.

A relação entre realidade/representação, história/escrita da história, história/literatura, é por si só um campo de pesquisa, de reflexões críticas, as posições são muito diferentes e conflitantes. O historiador, na hora da exposição da sua pesquisa, deverá escolher o tipo de atitude ético-noética que vai estabelecer com a sua documentação e resultados, baseando-se nos clássicos: Ranke, Marx, Braudel, Chartier, White, Ginzburg, Ricoeur, Foucault etc. E deverá fazer uma escolha estética, política e ética, pois cada um desses autores têm essas três dimensões.

**(P)**

**Marcos Edilson de Araujo Clemente:**

Professor, segundo suas próprias informações, o senhor se coloca na interface da filosofia e da história e desdobra suas investigações em particular para o campo do pensamento francês, alemão e brasileiro. Sobre as vigorosas tradições da teoria da história e da história da historiografia francesa e alemã erigiu-se um campo próprio, específico, o da filosofia da história. Como o Sr. compreende a atualidade e as



contribuições deste campo referidas às obras dos filósofos e historiadores Paul Ricoeur (francês) e de Jörn Rüsen (alemão), mormente no tocante aos fundamentos do conhecimento histórico e as pretensões de racionalidade da história? Que lugar ocupa, no pensamento de ambos, o problema da narrativa?

**(R)**

**José Carlos Reis:**

Eu tenho graduação em história (UFMG) e toda a pós-graduação em filosofia (Mestrado/UFMG e doutorado/UCLouvain/Bélgica), mas sempre pesquisando sobre a temporalidade histórica, os pensamentos históricos realizados nos clássicos da historiografia, as linguagens e as escritas das escolas históricas. Devo muito aos meus professores da filosofia e à leitura dos grandes filósofos clássicos, modernos e contemporâneos. Sou muito grato a eles e orgulhoso da minha bagagem filosófica, que é menor do que a que gostaria de carregar. Eu sei que não é consenso entre os historiadores, mas penso que a teoria da história não pode ser feita, bem feita, sem a leitura e a interlocução dos filósofos, como Aristóteles, Plotino, Descartes, Kant, Hegel, Heidegger, Marx, Nietzsche, Dilthey, Foucault, Ricoeur e outros.

As grandes referências da teoria da história contemporânea veem da filosofia e da sociologia, Nietzsche, Foucault, Ricoeur, Castoriadis, Elias, Bourdieu. A obra de Rüsen é importante, tem sido muito citada, mas confesso que a conheço pouco. Eu me dediquei mais às reflexões de Ricoeur sobre o “círculo hermenêutico”, sobre o “entrecruzamento entre narrativa histórica e narrativa de ficção”, sobre o conceito de “representância” na historiografia, sobre a “identidade narrativa”, sobre as relações tensas-conciliáveis entre história e memória, que me parecem cruciais ao historiador que queira abordar as fontes e escrever sobre o passado de forma competente, crítica. O conceito de narrativa é central em seu pensamento e, para ele, a história sempre foi narrativa, nunca deixou de sê-lo, nem na mais estrutural das historiografias. Ele prova a sua tese analisando, em *Tempo e Narrativa*, a obra de Braudel, *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo à Época de Filipe II*. Para ele, Braudel realizou uma “narrativa virtual”, implícita, que configura e dá sentido à sua obra fragmentada em três níveis. Não é a narrativa tradicional, que tem como modelo o início, meio e fim da biografia, mas uma narrativa complexa, que não é incompatível com a história-problema, com a

história analítica, com a história-sociológica dos Annales, com o romance moderno. O que todo historiador faz (e sempre fez) é narrar, isto é, coser fragmentos temporais, configurar eventos heterogêneos, sintetizar a multiplicidade dos dados históricos, criar um sentido para a sequência diacrônica, reunir a sucessão de eventos em uma totalidade de sentido.

Quando o historiador não for mais um “narrador”, Ricoeur concorda com Benjamin, as experiências não poderão ser mais compartilhadas, as rupturas e discontinuidades não poderão ser superadas, e a sobrevivência da humanidade estará em risco. Para Ricoeur, é preciso impedir que a história abandone a narrativa, porque essa não é uma questão apenas epistemológica, mas ético-política, deve ser o compromisso com a utopia social de toda pesquisa/obra histórica: construir um mundo em que seja possível “vivermos juntos na diferença”, sem intolerâncias, racismos, sem ódios e ressentimentos. Uma “sociedade do reconhecimento”, eis o que a história-narrativa pode e deve oferecer.